

UMA ABORDAGEM DIALÓGICA DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM UM ENUNCIADO DO FACEBOOK: UM OLHAR SOBRE ESTRATÉGIAS DE RETOMADA DO DISCURSO DO OUTRO

A DIALOGICAL APPROACH OF THE CONSTRUCTION OF SENSES IN A ENUNCIATION ON THE FACEBOOK: A LOOK AT STRATEGIES OF RETAKING THE SPEECH OF THE OTHER

Joserlândio da Costa Silva¹
Francisco de Freitas Leite²
Patrícia Gomes de Mello³

Resumo: *Este artigo objetiva investigar o processo de construção de sentidos em um enunciado (uma postagem) que circulou no facebook, no ano de 2016, sobre a morte de uma jovem médica vítima de um assalto na cidade do Rio de Janeiro. A abordagem teórica é fundamentada na perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, principalmente em Bakhtin (2015, 2011) e Bakhtin/Volochínov (2012). A metodologia de análise adotada consiste na investigação dos mecanismos de instauração de construção do sentido do enunciado concreto a partir da relação responsiva do dizer do eu com o dizer do outro, em uma situação real de uso da língua, a partir da concepção de formas do discurso linear e pictórico contida em Marxismo e filosofia da linguagem. Na conclusão, é enfatizada a necessidade, em termos bakhtinianos, de serem consideradas estratégias de textualização e de relações dialógicas mobilizadas, que muitas vezes são baseadas em posições ideológicas e pontos de vista axiológicos conflitantes dos sujeitos envolvidos no processo de construção de sentidos dos enunciados para compreensão dos seus dizeres.*

Palavras-chave: *Dialogismo; Responsividade; Internet.*

Abstract: *This paper aims to investigate the construction process of senses in an enunciation posted on Facebook in 2016 about the murder of a young doctor victim of a robbery in Rio de Janeiro City. The theoretical approach is essential on the dialogical perspective of the Bakhtin Circle, mainly in Bakhtin (2015, 2011) and Bakhtin/Volochínov (2012). The method of analysis adopted here consists in investigating the establishment mechanisms of sense construction of the concrete enunciation from the responsive relationship of a subject's saying with the other's saying, in a real situation of language use, from the conception of linear and pictorial forms of discourse in Marxism and philosophy of language. In conclusion, we emphasize the necessary, based on Bakhtin theory, to consider the textualization strategies and dialogical relations, that are frequently based on ideological perspectives and conflicting axiological point of views of the subjects involved in the meaning construction process of the enunciations for the comprehension of their sayings.*

Keywords: *Dialogism; Responsivity; Internet.*

¹ Professor da rede pública municipal de Farias Brito (PMFB/CE). Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Farias Brito, Brasil, e-mail: jcsletras@hotmail.com

² Docente do Departamento de Línguas e Literaturas da Universidade Regional do Cariri (URCA). Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Crato, Brasil, e-mail: freitas_leite@hotmail.com

³ Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Teoria Linguística e Literária (NETLLI). Mestre (e doutoranda) em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Crato, Brasil, e-mail: pathy.gomes13@gmail.com

1 Introdução

As novas mídias, se comparadas aos meios de comunicação tradicionais, são diferentes destes, principalmente, devido à possibilidade de maior interação entre seus usuários. O computador, associado à internet, promoveu a expansão das chamadas redes sociais, que podem ser entendidas como comunidades não geográficas que representam um conjunto de participantes autônomos unidos por ideias em torno de valores compartilhados (MARTELETO, 2001). Assim, com a virtualização das redes sociais, as fronteiras da comunicação humana foram amplamente alargadas e os sujeitos adquiriram novas maneiras de interagir entre si e, com asseveram Silva, Silveira e Mello (2016, p. 04):

Com o formidável desenvolvimento das tecnologias digitais, podemos observar determinados reflexos nos mais variados setores da sociedade. Assim, seja no que se refere às subjetividades que se ancoram de modo crucial na rede, seja nos corolários relativos, por exemplo, à linguagem, às relações interpessoais, ao tempo, ao fluxo de informações, dentre outros, urge reconhecer que a sociedade atual encontra-se forçosamente atrelada ao advento do ciberespaço.

Uma das redes sociais que se popularizou bastante desde seu surgimento, em 2004, é o *facebook*, que:

Funciona como um registro histórico, político e social, no tempo e no espaço, de uma época que caracteriza a identidade como fluida, móvel, mutável e flexível, devido às alterações, a cada novo encontro, entre identidades diferentes. (PINHEIRO, 2013, p. 41).

Neste trabalho, objetivamos investigar como foi operada a construção de sentidos em um enunciado (uma postagem) que circulou no *facebook* e que retoma o falar de outrem sobre o caso de uma médica que foi baleada na cabeça e morreu durante uma tentativa de assalto na Linha Vermelha, no Rio de Janeiro, em 2016. Teoricamente, estamos fundamentados na perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin. Conforme Ponzio (2012), refletir sobre a questão do sentido, a partir da perspectiva dos estudos do Círculo, não pode ser uma tarefa que se limita à observação das relações linguísticas que caracterizam o plano composicional do enunciado, já que “a língua existe não por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 160). Assim, o problema do sentido “ocupa-se das relações dialógicas nos atos de palavra, nos

textos, nos gêneros do discurso e nas linguagens” (PONZIO, 2012, p. 89). Compreender o efeito de sentido, por conseguinte, e, mais que isso, esmiuçar o enunciado que o veiculou, na tentativa de entender como ele foi construído, requer do observador uma análise atenta dos enfrentamentos dialógicos que caracterizam tais materializações discursivas.

Consideramos que um modo viável de investigar estes enfrentamentos é visualizar como os enunciados retomam discursos alheios com os quais estão dialogando. Nesse sentido, recorreremos novamente a Ponzio, por também entendermos que:

A apropriação linguística é um processo que vai desde a mera repetição da palavra alheia à sua reelaboração, capaz de fazê-la ressoar de forma diferente, de conceder-lhe uma nova perspectiva, de fazer-lhe expressar um ponto de vista diferente. (PONZIO, 2012, p. 101).

No caso específico deste trabalho, pretendemos abordar a construção de sentidos de um enunciado, através da análise do mecanismo de responsividade operado pela retomada de outras vozes que dialogam com o enunciado em análise. O artigo foi dividido em duas seções. Na primeira, apresentamos um recorte teórico de algumas noções mobilizadas pelo Círculo de Bakhtin sobre as formas de retomada do discurso do outro; na segunda, assentamos essas noções como base para a análise do enunciado que constitui o *corpus* deste estudo.

2 Diferentes modos de retomar o falar alheio: o ponto de vista dialógico

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, especificamente no capítulo nove, intitulado *O discurso de outrem*, o cerne das questões linguísticas discutidas por Bakhtin/Volochínov (2012) reside na problemática sobre o discurso citado. Já no começo do capítulo, os teóricos tratam da possibilidade de interação entre discursos. Sobre essa questão, os autores começam estabelecendo a diferença entre aquilo de que nós falamos (ou seja, o assunto) e o discurso de outrem integrado na construção do discurso do eu (ou seja, o discurso no discurso). O assunto (que os autores chamam de *aquilo de que nós falamos* ou de *conteúdo do discurso*) se constitui como objeto central das palavras de um *eu*, por exemplo, quando alguém fala sobre *natureza* ou sobre *o homem*. Por outro lado, quando esse *eu* traz para o seu dizer as palavras que um *outro* já discursivizou sobre a *natureza* ou sobre *o homem*, o *já dito* não é mais apenas o conteúdo de um discurso, ele se torna um discurso dentro de outro, isto é, o falar do *outro* é retomado (com reacentuação valorativa, visto que é singular) na/pela voz do *eu*.

O discurso de outro que integra o discurso de um *eu* será sempre o discurso de outra pessoa situada, inicialmente, fora do contexto do discurso citante. Isso ocorre porque, de acordo com os pensadores russos, mesmo quando o discurso citado se une às estruturas sintáticas, semânticas, estilísticas e composicionais do discurso citante, sua autonomia estrutural e semântica é conservada. Mesmo no discurso indireto livre, que tende a transferir o discurso citado para o plano de conteúdo do discurso citante, o outro não tem as marcas de seu dizer apagadas. Não há como um novo discurso diluir totalmente o discurso citado, pois seu conteúdo semântico e sua estrutura “permanecem relativamente estáveis” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 151).

Uma questão, todavia, que tem despertado a atenção de estudiosos da linguagem, é a que remete ao diálogo, uma vez que a unidade real da língua é de natureza dialógica. Para Bakhtin/Volochínov (2012), uma enunciação não aparece individualizada, mas em interação constante com outras enunciações. Isso porque, no centro da concepção de mundo do Círculo, está o homem em permanente interação com seus semelhantes mediante a linguagem, que é entendida como ação, como comunicação dinâmica, como energia (BUBNOVA, 2011).

Nessa interação constante dos discursos uns com os outros, como, de fato, pode-se diferenciar o discurso do *eu* do discurso do *outro*? Esse questionamento pode ser respondido através da observação das formas que se apresentam como mecanismos de retomada do falar alheio, que, segundo Bakhtin/Volochínov (2012), constituem um documento objetivo esclarecedor. Lembramos, todavia, que essas formas são sempre influenciadas por uma série de fatores extralinguísticos, ou seja, pragmáticos. Bakhtin/Volochínov (2012) afirmam, por exemplo, que a posição que um discurso a ser citado ocupa na hierarquia social dos valores influencia a escolha do modo através do qual será operada a retomada de tal discurso. Para os pensadores russos:

Quanto mais forte for o sentimento de eminência hierárquica na enunciação de outrem, mais claramente definidas serão as suas fronteiras, e menos acessível será ela à penetração por tendências exteriores de réplica e comentário. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 159).

Além disso, no processo de interação e retomada do discurso de outrem, é preciso que se leve em conta também que a veiculação desse discurso é operada em um contexto também outro. Um fator importante que deve ser ressaltado é que essa reelaboração do enunciado alheio é sempre orientada a uma terceira pessoa, o que fortalece a influência das forças sociais sobre o modo de apreensão dos discursos. Devemos levar em consideração ainda que, a cada

vez que o discurso de um outro é recortado, não temos acesso ao posicionamento integral deste outro, mas ele é apresentado a nós de forma fragmentada perpassado pelas intenções axiológicas do sujeito que efetuou o recorte.

Bakhtin/Volochínov (2012) elencam duas principais orientações através das quais a inter-relação entre discurso citante e discurso citado acontece. Em seguida, os autores detalham alguns esquemas concretos de transmissão do discurso de outrem que materializam tais orientações.⁴ A primeira orientação eles chamam de *estilo linear*, e sua tendência principal é “criar contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 156). Nessa primeira orientação, “os esquemas linguísticos e suas variantes têm a função de isolar mais clara e mais estritamente o discurso citado, de protegê-lo de infiltração pelas entoações própria ao autor” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 155). Isso acontece porque a tendência fundamental dessa orientação é conservar de modo autêntico o discurso de outrem no discurso citado.

A segunda orientação é chamada de *estilo pictórico*, e “sua tendência é atenuar os contornos exteriores nítidos da palavra de outrem” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 156-157). Assim, essa segunda orientação de transmitir e apreender o discurso do outro opera de modo oposto à primeira, já que:

A língua elabora meios sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem. O contexto narrativo esforça-se por desfazer a estrutura compacta e fechada do discurso citado, por absorvê-lo e apagar as suas fronteiras. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 156).

Dentro dessa segunda orientação, Bakhtin/Volochínov (2012) elencam, pelo menos, dois outros tipos de transmissão do falar alheio. Um é aquele em que o autor tende a apagar as fronteiras do discurso citado com o objetivo de inserir nele suas próprias entoações, que podem ser materializadas através da ironia ou do humor, por exemplo. No segundo tipo, acontece o contrário; ou seja, é o discurso citado que se torna mais forte e mais ativo e, desse modo, acaba por apagar as fronteiras do discurso citante. Segundo os autores russos, podemos observar esse segundo tipo em obras literárias, quando o discurso do narrador substitui o discurso do autor pessoa.

⁴ É importante precisarmos que, conforme os próprios autores afirmam, a caracterização de tais esquemas de transmissão do discurso de outrem, bem como de suas variantes, se limitou à observação da língua literária russa, na qual, segundo eles, tais esquemas são pouco desenvolvidos.

Quanto aos esquemas que materializam essas tendências, os autores citam o discurso indireto livre, o discurso direto e o indireto. Devido aos limites que estabelecemos para este trabalho, limitamo-nos à discussão sobre os dois últimos. Tais esquemas reelaboram o enunciado de outrem à sua maneira, e a escolha de um ou de outro se efetua de acordo com a dinamicidade da língua. Conforme Bakhtin/Volochínov (2012, p. 165), “o emprego do discurso indireto ou de uma de suas variantes implica uma análise da enunciação simultânea ao ato de transposição e inseparável dele”, isto é, o discurso indireto é marcado pela característica de transmitir e, ao mesmo tempo, analisar o discurso de outrem.

No que concerne ao discurso indireto, Bakhtin/Volochínov (2012) distinguem duas variantes: o *discurso indireto analisador do conteúdo* e o *discurso indireto analisador da expressão*. Eles apontam que essas duas variantes são muito diferentes entre si. A primeira se concentra, sobretudo, na transmissão analítica do conteúdo temático do discurso de outrem. Assim, “a variante analisadora do conteúdo apreende a enunciação de outrem *no plano meramente temático e permanece* surda e indiferente a tudo que não tenha significação temática” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 167, grifos dos autores). A variante analisadora da expressão, por sua vez, tende a:

Apreender e transmitir de forma analítica a enunciação de outrem enquanto *expressão* que caracteriza não só o objeto do discurso (que é, de fato, menor) mas ainda *o próprio falante*: sua maneira de falar (individual, ou tipológica, ou ambas); seu estado de espírito, expresso não no conteúdo mas nas formas do discurso (por exemplo, a fala entrecortada, a escolha da ordem das palavras, a entoação expressiva, etc.); sua capacidade ou incapacidade de exprimir-se bem, etc. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 166, grifos dos autores).

Quanto às variantes do esquema de transmissão do falar alheio, categorizado como *discurso direto*, ressaltamos três, sobre as quais Bakhtin/Volochínov (2012) discorreram. A primeira é a do *discurso direto preparado*. Nessa variante, o discurso direto emerge de dentro do indireto, ao mesmo tempo em que é preparado por ele através das entoações do autor. A segunda é chamada de *discurso direto esvaziado*. Ela acontece na mesma direção da anterior, assim, não deixa de ser, também, um tipo de discurso direto preparado, antecipado pelo autor. A diferença reside no fato de que, nessa variante, o discurso citado é preparado de tal forma que a força das palavras citadas diminui. Assim, o discurso citado, por ser bem preparado antecipadamente, torna-se esvaziado. Para explicar essa variante, os autores comparam-na a

uma personagem cômica no palco a quem, antes mesmo que ela fale, o público rege pronto a rir apenas pela forma como ela está caracterizada.

A terceira variante é a do *discurso direto retórico*. Segundo os autores russos, fenômenos como as *perguntas retóricas*, nos gêneros literários, situam-se nas fronteiras entre discurso citante e discurso citado e podem fazer parte ora de um, ora de outro desses discursos. Uma pergunta retórica, que introduz um discurso direto, pode ser interpretada não somente como uma pergunta do autor, mas também como uma pergunta que a personagem dirige a si mesma.

Bakhtin/Volochínov (2012) falam ainda sobre fenômenos que chamam de *interferência de discurso*, que ocorre quando um mesmo enunciado veicula dois discursos que pertencem, ao mesmo tempo, a diferentes orientações de valor. Em Bakhtin (2015), dois desses fenômenos são categorizados como *estilização* e *hibridização*. Através do primeiro, Bakhtin observou que, nos romances humorísticos da Inglaterra, camadas de linguagens de diferentes esferas discursivas, como, por exemplo, do discurso político, jurídico, jornalístico, científico, religioso, eram, quase sempre de forma paródica, reproduzidos pelo fio narrativo do romance. Por meio desse processo de estilização paródica dos diversos tipos de discursos, o autor refratava suas intenções axiológicas no gênero romanesco.

Trata-se de um jogo discursivo em que o autor traz para o seu discurso o ponto de vista do outro sobre determinado aspecto da realidade tão somente para dele se afastar e desmascará-lo e, assim, defender o seu ponto de vista. Sobre o outro fenômeno de interferência de discurso, a hibridização, Bakhtin nos informa que uma construção híbrida é realizada quando:

Um enunciado que, por seus traços gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um falante, mas no qual estão de fato mesclados dois enunciados, duas maneiras discursivas, dois estilos, duas “linguagens”, dois universos semânticos e axiológicos. Entre esses enunciados, estilos, linguagens e horizontes, repetimos, não há nenhum limite formal – composicional e sintático: a divisão das vozes e linguagens ocorre no âmbito de um conjunto sintático, amiúde no âmbito de uma oração simples, frequentemente a mesma palavra pertence ao mesmo tempo a duas linguagens, a dois horizontes que se cruzam numa construção híbrida e, por conseguinte, tem dois sentidos heterodiscursivos, dois acentos. (BAKHTIN, 2015, p. 84, grifos do autor).

Assim, tanto na estilização quanto na hibridização, o tema do discurso pode ser percebido em dois planos axiológicos: no plano axiológico do outro, que necessariamente não

aparece de forma pessoalizada e identificada, e no horizonte ideológico de quem fala, que lança nova luz valorativa sobre temas já discursivizados. O enunciado é construído, portanto, pela contínua contraposição dialógica entre dois acentos apreciativos sobre o mesmo tema.

Passamos, na seção seguinte, a mobilizar tais noções teóricas na análise dialógica de um enunciado concreto.

3 A dialogicidade operada a partir da retomada do falar alheio em um enunciado do *Facebook*

Os procedimentos metodológicos de análise adotados, neste estudo, estão apoiados teoricamente na concepção de estilo linear e pictórico do discurso de outrem contida em *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Bakhtin/Volochínov (2012), e consistem na perscrutação dos mecanismos de produção de sentido do enunciado concreto, sobretudo, levando-se em consideração a relação responsiva do dizer do eu com o dizer do outro na realidade de uso da língua na vida dos sujeitos.

Tal perscrutação, todavia, não implica, conforme Bakhtin/Volochínov (2012, p. 150), “responder às questões ‘*Como*’ e ‘*De que falava Fulano?*’, mas ‘*O que dizia ele?*’”, ou seja, investigar os efeitos de sentido produzidos. Para tanto é preciso ir além da consideração da materialidade textual e esmiuçar a rede de relações dialógicas e responsivas que instauram o enunciado em análise.

Os procedimentos de coleta e seleção do material na internet basearam-se na busca por postagens que se constituíssem originalmente de compartilhamento e comentário, isto é, a partir da retomada do discurso do outro, conforme nosso interesse acadêmico em pesquisar as novas estratégias de construção de sentido em discursos encontrados nas redes sociais digitais, sobretudo, os que tematizam questões sociais da contemporaneidade brasileira.

A questão para a qual está voltado o enunciado que selecionamos para ser analisado é a da violência das grandes cidades; todavia, o foco da análise está voltado para as relações dialógicas que engendram tal enunciado na busca por compreender posicionamentos axiológicos e valores ideológicos que nem sempre estão expostos textualmente, mas que constituem os dizeres dos sujeitos envolvidos.

Iniciamos a análise considerando a seguinte postagem no *facebook* de uma internauta que receberá o nome fictício de Ana:



Figura 1 – Postagem.

Fonte: *facebook*.

O conteúdo do discurso da postagem acima é a morte da médica Gisele Palhares Gouvêa, de 34 anos, em 25 de junho de 2016, depois de uma tentativa de assalto na cidade do Rio de Janeiro, conforme o trecho seguinte recortado da reportagem:

Uma mulher morreu após ser baleada na cabeça durante uma tentativa de assalto na saída da via Dutra, acesso para a Linha Vermelha, pista sentido Centro do Rio, no fim da noite deste sábado (25). A vítima estava sozinha em seu carro e o crime aconteceu na altura da Pavuna, Zona Norte do Rio de Janeiro.

De acordo com a polícia, a médica Gisele Palhares Gouvêa, de 34 anos, foi socorrida e levada para o hospital Adão Pereira Nunes, mas não resistiu. Ainda segundo a corporação, o veículo da vítima, que não foi levado após o crime, foi perfurado por pelo menos dois disparos.

Segundo o comando do Batalhão de Policiamento em Vias Expressas (BPVE), equipes que faziam o patrulhamento na Linha Vermelha receberam informações da tentativa de roubo, mas encontraram a vítima ferida a tiros por criminosos quando chegaram ao local. A PM afirma que imediatamente o BPVE iniciou um cerco na região, que conta, desde janeiro, com o reforço no policiamento com apoio Batalhão de Policiamento em Grandes Eventos (BPGE). O comando da Unidade determinou que, além de buscas pelos suspeitos, fossem realizadas operações de blitiz no trecho do crime já retomadas neste domingo desde as 5h. (G1 RIO DE JANEIRO, 2016).

Segundo a própria reportagem⁵ que noticiou esse caso, foram compartilhados, nas redes sociais, vários textos de protestos devido à comoção causada pelo acontecimento. A postagem de *facebook* da internauta Ana é um desses textos. Composicionalmente, ele corresponde ao dizer de Ana, o *eu* deste enunciado, que compartilha e comenta o dizer de um outro, que receberá o nome fictício de Gustavo, com o qual ela estabelece uma estreita relação dialógica.

Já podemos observar, pelo menos, três noções importantes para a análise de um enunciado: lugar em que ele circulou, momento em que foi elaborado e sujeitos envolvidos (inclusive os sujeitos a que se direciona o enunciado). O lugar, trata-se do *facebook*, que, conforme já apontado anteriormente, é uma rede social que permite aos usuários a publicação de informações e uma rápida interação com outros sujeitos, garantidas pela facilidade de curtir, comentar ou compartilhar⁶ as informações que eles constantemente publicam, nas quais veiculam seus pontos de vista acerca de diferentes acontecimentos do mundo. O momento é o mês de junho de 2016, quando é morta uma jovem médica, de classe média, vítima da violência das cidades brasileiras, no caso, o Rio de Janeiro. Motivada por esse acontecimento e posicionando-se no quadro social das diferentes concepções políticas e ideológicas brasileiras da atualidade, a internauta Ana, também uma jovem médica de classe média, branca, evangélica, veiculou em sua conta do *facebook* um enunciado carregado axiologicamente de protesto em relação a essa violência da qual ela também se diz vítima.

Destacamos, neste momento, que, para o Círculo de Bakhtin, o que é ideológico é carregado de acentos apreciativos e de experiências reais da história e vida concreta dos sujeitos; e que, conforme, Faraco (2009, p. 47, grifo do autor):

Algumas vezes, o adjetivo *ideológico* aparece como equivalente a *axiológico*. Aqui é importante lembrar que, para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, *sempre ideológico* – para eles, não existe enunciado não-ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i.e., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica).

⁵ A reportagem completa pode ser lida em: G1 RIO DE JANEIRO (2016).

⁶ Ações estas que, no contexto do *facebook*, significam aprovar ou julgar útil e/ou interessante (curtir); opinar, discutir ou posicionar-se (comentar); e vincular à conta do usuário algo ou determinado conteúdo que vai ser publicado na sua Linha do tempo (compartilhar), que, comumente, equivale a uma citação em estilo linear do discurso de outrem.

A seguir, apresentamos o dizer de cada um desses sujeitos a fim de investigarmos os enfrentamentos discursivos que eles travam, inclusive, com os dizeres e as posições axiológicas de outros sujeitos. Transcrevemos *ipsis litteris*, primeiramente, a postagem do internauta Gustavo, feita em 26 de junho:

Gisele Palhares Gouveia, 34 anos, cuja profissão era salvar vidas atuando como médica, foi assassinada ontem na Linha Vermelha (RJ) com 2 tiros na cabeça após uma tentativa frustrada de assalto.

Não era negra, não era pobre, não era feminista, não era militante de partidos políticos, não frequentava os círculos LGBTs, não era do MST, CUT ou PSOL, não estava dentro dos programas de assistência e cotas do governo e não andava na companhia de traficantes fortemente armados nos bailes de favela. Enfim, não preenchia os requisitos necessários para uma mobilização nacional, tampouco que merecesse a menor atenção dos Direitos Humanos. Ela, assim como eu e você, não era ninguém!!!

Depois de publicado o enunciado acima, a internauta Ana, no dia 28 de junho, compartilhou-o e comentou-o em um dizer seu – em um estilo informal próprio do gênero postagem (*post*), com uso de abreviaturas, sem muita preocupação com a acentuação gráfica das palavras, nem com outras regras da gramática padrão da língua – transcrito também *ipsis litteris*:

Eu sei bem o que é violencia. Sobrevivi a tiros e capotamento esse ano e não foi no rio de janeiro e a polícia tbm n investigou sem contar a demora ao local. Tbm n sou negra nem feminista. Sou vitima dessa violencia massacrante. Ela não teve a chance de viver pra contar a história. Eu tive e me sensibilizei com o seu caso #OroPeloBrasil.

Analisando o enunciado de Gustavo, percebemos que ele corresponde a uma retomada de um enunciado alheio e possui uma primeira parte introdutória, em estilo linear, que é informativa e também contextualizadora em relação à morte da médica Gisele Palhares Gouvêa, no Rio de Janeiro, e uma segunda parte, em estilo pictórico, indicadora do seu posicionamento axiológico (principalmente em termos sociopolíticos), em que sugere haver uma aproximação, em algum ponto, entre negros, pobres, feministas, militantes de certos partidos políticos e movimentos sociais e sindicais (ele cita textualmente o MST, a CUT ou o PSOL), integrantes dos círculos LGBTs, sujeitos incluídos em programas de assistência e cotas do governo e, por fim, pessoas que *andam na companhia de traficantes fortemente armados nos bailes de favela*. Esta parte é, na verdade, uma réplica a dizeres outros, que por ele são reacentuados conforme seus valores (em termos ideológicos e axiológicos) no dizer

seu. Na conclusão do enunciado, seu ponto de vista é o de que a violência a esses sujeitos é aquela que realmente causa mobilização nacional e atrai a atenção dos Direitos Humanos, exagerada e quase exclusivamente, de modo que um cidadão que não esteja neste rol (e aí ele se inclui e também a médica morta e um você, não definido, a quem ele direciona seu enunciado) *não é ninguém* em termos de merecer repercussão nacional e ter seus direitos humanos protegidos.

Em seu enunciado, Gustavo assume nitidamente a posição de um *eu* que dá contornos um tanto negativos a negros, pobres, feministas, militantes, sobretudo, do MST, da CUT e do PSOL, integrantes dos círculos LGBTs, entre outros. Dessa forma, seu dizer estabeleceu uma acentuada relação de discordância com posicionamentos axiológicos, concepções ideológicas e opções políticas, sociais e culturais dos sujeitos mencionados. Destacamos que esses enfrentamentos dialógicos, que se relacionam com movimentos de tensão entre os momentos centrais (eu, outro e eu para o outro) na arquitetônica do mundo da vida, materializam um espaço de luta entre discursos políticos que ideologicamente se confrontam no atual contexto histórico-social brasileiro.

O discurso dos outros sujeitos (os que são negros, pobres, feministas, militantes, sobretudo, do MST, da CUT e do PSOL, integrantes dos círculos LGBTs, ou os que defendem os direitos destes e que geralmente têm propensão sociopolítica de Esquerda) retomado no enunciado de Gustavo, portanto, não é apresentado de forma neutra. O tom de aversão e acusação diante dessas vozes outras que ecoam em seu discurso é – em um estilo formal, no tocante à “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua” (BAKHTIN, 2011, p. 261) – marcado estrategicamente pela repetição do advérbio de negação e pela ênfase operada através dos pontos de exclamação repetidos no final da sentença linguística, que fazem lembrar um brado com entonação de reclamação contundente. Assim, na repetição do advérbio *não*, podemos observar a arquitetônica determinando o modo como o material linguístico é concretizado. Essa repetição enfatiza a ideia de que a vítima não preencheria os requisitos que, segundo ele, selecionam os casos de violência que podem provocar comoção nacional e atrair a atenção dos Direitos Humanos. A alegação de tais requisitos confere ao discurso do outro uma acentuada valoração negativa, através da qual fica claro que o autor não somente retoma esse discurso, mas também a ele se opõe.

A depender dos sujeitos que interpretem seu enunciado – posto que, para o Círculo de Bakhtin, o “sujeito [...] é histórico, situado em uma rede de forças discursivas que se desenrolam no tempo, e, por isso, sempre elabora seu dizer a partir dos embates sociais que

marcam sua época” (SILVA et al., 2016, p. 53) –, pode ser dada ênfase ao tom preconceituoso com que se refere a certos grupos sociais e certos sujeitos ou pode ser dada ênfase ao desabafo revoltoso contra a violência urbana ou ao chamado a uma reflexão política para a necessidade de que todos tenham os mesmos direitos e recebam atenção igualitária, entre outras possibilidades de interpretação; mas que se trata de um discurso sem clara identificação sociopolítica e ideológica, isso não se pode dizer, pois ele (numa possível resposta à pergunta: *O que dizia ele?*) evoca o sentimento de outros sujeitos que, em sua maioria, são brancos, de classe média ou alta, heterossexuais e de propensão política de Direita.

Queremos ressaltar que não poderemos nunca saber o que se passa com absoluta precisão na alma de Ana ou de qualquer outro receptor do discurso de Gustavo, mas podemos analisar seus discursos pelas “tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifestam nas formas da língua” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 152).

No caso do discurso de Ana, é nítido que também foi construído a partir da retomada de um enunciado alheio. Tal retomada se deu, a princípio, com o uso da estratégia da ação de compartilhar, na forma de citação em estilo linear, uma vez que as fronteiras entre o falar dela e o falar de seu outro, no caso Gustavo, estão bem marcadas no discurso; em seguida, com o uso da estratégia da ação de comentar, há ideologicamente a mobilização de vozes outras em estilo pictórico.

Quando citado em estilo linear no enunciado de Ana, parece, num primeiro momento, que o enunciado de Gustavo veicula um dizer com o qual ela estabelece uma relação de completa concordância, como se tivesse compartilhado por coadunar-se com ele. O comentário de Ana em estilo pictórico, todavia, foi elaborado de uma forma que cita o discurso de Gustavo ao mesmo tempo em que infiltra suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem com apreensão relativa do discurso.

O enunciado de Ana dialoga com o enunciado de Gustavo, em certa medida corroborando o ponto de vista deste sujeito, posto que responsivamente relata também já ter sido vítima da violência urbana (que não se resume ao Rio de Janeiro) e da má atuação da polícia e, principalmente, porque identifica-se com o *você* a quem se direciona o enunciado de Gustavo, visto que ela (como que reforçando o sentimento de outros sujeitos que, em sua maioria, são brancos, de classe média ou alta, heterossexuais e de propensão política conservadora) destaca o fato de *não ser negra nem feminista* e, conseqüentemente, reforça a concepção de que só alguns sujeito pertencentes a certos grupo são merecedores da atenção

dos Direitos Humanos e das autoridades governamentais e podem causar mobilização nacional.

O enunciado de Ana, todavia, não é marcado apenas pelo tom de reclamação ou pessimismo; ele traz uma entonação emotivo-volitiva de cunho religioso (diferentemente da entonação de indignação e hostilidade do enunciado de Gustavo) indicada textualmente pela *hashtag* “#OroPeloBrasil”, utilizada por internautas (em sua grande maioria) evangélicos. Dessa forma, a atitude responsiva dela, na conclusão de seu enunciado, é parcialmente concordante com o enunciado citado, posto que redireciona o seu dizer da revolta à oração.

A interpretação da construção de sentidos do enunciado de Ana (por se comportar como uma réplica dialógico-responsiva a um outro enunciado), portanto, ficaria manca se fossem desconhecidos (ou negligenciados) tais elementos do enunciado de Gustavo (que, por sua vez, se comporta como uma réplica dialógico-responsiva a outros já ditos por ele apontados), posto que “não se pode retirar a réplica desse contexto mesclado de palavras minhas e do outro sem perder o seu sentido e o seu tom” (BAKHTIN, 2015, p. 58).

4 Conclusão

Como procuramos demonstrar neste estudo, a interpretação da construção de sentidos de um enunciado concreto, em termos do pensamento do Círculo de Bakhtin, não deve prescindir sua relação dialógico-responsiva com outros dizeres. Em outras palavras, mesmo quando aparentemente não se trate de uma réplica explicitamente configurada de um diálogo exterior, todo enunciado concreto é dialogicamente constituído pela voz do *eu* (falante ou escritor), pelas vozes *outras* que nele estão presentes e sua construção estilística, composicional e temática, bem como seus acentos (entonações emotivo-volitivas, por exemplo), são orientados para uma atitude responsiva de outros sujeitos no porvir (imediate ou em um futuro mais distante).

O enunciado em questão, de Ana, é constituído por sua voz (o *eu* escritor) e pela voz do outro (do enunciado de Gustavo), que, por sua vez, retoma discursivamente posicionamentos axiológicos, ideologias e concepções políticas, sociais e culturais de outros sujeitos e a cujos discursos ele se opõe dando contornos negativos (o que só pode ser interpretado levando-se em consideração a enunciação como um todo, isto é, para além da materialidade linguística formal). Dessa forma, o enunciado dela, desde as escolhas estilísticas até seu tom emotivo-volitivo (a ênfase ao fato de não ser negra nem feminista e a

hashtag “#OroPeloBrasil”, por exemplo), não é uma *vox clamantis in deserto*, pois está orientado para ser interpretado responsivamente por outros sujeitos (alguns em especial, tais como os que acessarem a *hashtag* em questão) que venham a interagir com seu dizer. Ao serem desconsideradas essas relações dialógicas, perdem-se parcelas fundamentalmente relevantes para o processo de construção de sentidos do enunciado.

Um enunciado concreto, portanto, nunca é neutro; na verdade, ele é ideológico e é sempre instaurado, em termos bakhtinianos, a partir de relações dialógicas que não são necessariamente harmoniosas e consensuais, posto que, em muitos casos, são carregadas de tensões, lutas, valores e confrontos sociais, culturais, políticos e religiosos.

Neste caso, particularmente, em que voltamos o olhar para os procedimentos de compartilhar e/ou comentar postagens nas redes sociais digitais (tais como *facebook*), a análise atenta das estratégias de textualização e de relações dialógicas no processo de construção de sentidos de um enunciado trouxe à tona elementos fundamentais para uma compreensão mais pormenorizada dos dizeres e das tendências ideológicas e sociopolíticas direitistas dos sujeitos que receberam os nomes fictícios de Gustavo e Ana.

Destacamos, por fim, que uma análise dos fenômenos da linguagem que vá além dos elementos estruturais da língua, como a que realizamos neste estudo, tem a relevância social e acadêmica de evidenciar que os estudos linguísticos, por se situarem na área das Ciências Humanas, podem e devem (no contínuo fazer-se das ciências) também estar voltados para a consideração das concepções ideológicas e axiológicas dos sujeitos, posto que são elementos constitutivos da vida dos seus discursos.

Referências

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 261-306.

_____. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Vieira 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. Versão para o português: Roberto Leiser Baronas e Fernanda Tonelli. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 268-280, ago./dez. 2011.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

G1 RIO DE JANEIRO. **Médica é morta durante tentativa de assalto na Linha Vermelha**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/06/medica-e-morta-durante-tentativa-de-assalto-na-linha-vermelha.html>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

PINHEIRO, M. L. P. **Discursos**: marcas de dialogismo e alteridade em sujeitos autores no facebook – faces de identidade. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR, Porto Velho, 2013.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Coordenação de tradução Valdemir Miotello. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, F. V.; SILVEIRA, E. L.; MELLO, P. G. Entre sintomas, suspeitas e confissões: um olhar sobre o sujeito viciado em internet nos discursos da mídia. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 5, n. 2, p. 01-12, jul./dez. 2016.

SILVA, J. C. et al. Uma visão crítica sobre o papel do sujeito nas correntes discursivas e enunciativas da linguística dos séculos XX e XXI. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 5, n. 2, p. 47-56, mai./ago. 2016.

Data de recebimento: 3 de julho de 2017.

Data de aceite: 8 de dezembro de 2017.